

Almanaque do Futuro

EXPERIÊNCIAS MOTIVADORAS PARA UM MUNDO MELHOR

Experiencia motivadora No. 43



**SEMEAR ÁGUA E
RECIPROCIDADE NO
TERRITÓRIO**

CHOVE MENOS E AS VEZES NEM ISSO

“A batata está triste” – escutamos essa frase com frequência na nossa ronda pela zona rural de Chinchero, perto de Cusco, Peru. O estresse hídrico não deixa outra opção; as comunidades rurais, pela necessidade de adaptar a gestão da água diante da crise climática começaram a semear água: mas pra que essa resiliência não acabe por ser completamente consumida pelo uso desmedido do recurso água nos centros urbanos, é preciso compreender a necessária reciprocidade no território.



Nos Andes peruanos, no sul do hemisfério nunca choveu demais. Na zona de Chinchero, perto de Cusco, costumava ter um pouco mais de 800 milímetros de chuva anualmente, entre os meses de setembro e março. Nos últimos anos diminuíram as precipitações um 15% e tem mais chuvas torrenciais, dificultando que a água infiltre o solo e com isso a recarga dos aquíferos. Até fim de novembro desse ano (2022) não choveu nada. Dá pra ver as lavouras recém arados. Já que a plantação em anos normais começa com as chuvas, mas enquanto não chove não tem sentido plantar.

“Estamos tristes porque a batata está triste”, são as palavras de Jenny Paucar junto com Segundino Huamán e os irmãos Cosme e Jesus Quispe. Visitamos eles nas suas lavouras na comunidade agrícola de Pongobamba, as margens da lagoa Piuray. *“Ainda há algo de água dos*

mananciais mais acima, mas o comité de regantes teve que reduzir os ciclos de regadio e as plantas, principalmente a batata quando está murcha. Em um ano com chuva normal a colheita de batata por lavoura e de até 500 quilos, mas esse ano vai ser menos de cem quilos". Relata Segundino; o silêncio de seus colegas o reafirma. As plantações estão em risco de se perder e não há semeada por falta de chuva.

Em anos com chuvas normais, mais ou menos até 2012 houve colheitas estáveis. Agora, a situação em Pongobamba e no distrito Chinchero é a mesma de boa parte do sul andino do Peru e nos Andes bolivianos. Escassez até a perda das colheitas, além do drama atual de não poder plantar por falta de chuva; tudo isso se traduz em um ano de emergência e fome. Pela seca, os incêndios vêm aumentando, destruindo a já escassa cobertura vegetal o que diminui ainda mais a baixa capacidade de retenção de chuvas no solo, tudo parece ser um círculo vicioso.



ADAPTAÇÃO E RECIPROCIDADE

No Centro Bartolomé de Las Casas, conhecido também como CBC pelas suas siglas, com sede em Cusco, se trabalha faz mais de dez anos o tema da água e particularmente a gestão da água. Joao Vitor Béjar, colaborador do CBC, explica a situação: "temos um problema sério respeito ao aumento constante do

consumo de água na cidade de Cusco; um habitante urbano consome em média cem mililitros e no caso dos turistas isso sobe ao triplo. Temos aqui um problema de justiça de água já que é da ruralidade de onde sai a água para o abastecimento da cidade e a falta de água ameaça a existência das pessoas". O CBC conta com o apoio de vários cooperantes, entre eles Comundo, Pan para el Mundo e The Nature Conservancy para seu trabalho.



A água para Cusco vem em um 42% da lagoa Piuray, localizada no distrito de Chinchero. O número de turistas que visitam Machu Picchu, passando obrigatoriamente por Cusco, começa a normalizar depois da pandemia, chegando a mais de dois milhões de visitantes por ano, em consequência disto haverá um aumento no consumo de água em Cusco. Amílcar Escalante mora nas margens da lagoa Piuray e é uma das pessoas mais ativas do comitê de gestão da micro bacia

Piuray. Amílcar explica: “A empresa Seda Cusco que provê a água para Cusco, tira por segundo trezentos litros de água da lagoa; antes tinham licença de 120 litros; mas como o aumento do consumo na cidade é constante, tiram cada vez mais água. Em anos de seca como agora nota-se que tá baixando o nível da lagoa. É preciso que haja mais consciência do consumo de água em Cusco”. De fato, até agora não há um monitoramento do nível de água da lagoa nem

um regulamento que ajude a evitar a constante superexploração do recurso. Ao mesmo tempo, além de notar uma cada vez maior urbanização de Chinchero, está em plena construção o novo aeroporto para Cusco nos terrenos do distrito, o que deve aumentar ainda mais a demanda de água.

PRIMEIROS PASSOS DE RECIPROCIDADE

Diante do problema da falta de água e da pouca consciência no consumo na cidade, a prefeitura distrital de Chinchero junto com o comitê da micro bacia Piuray Ccorimarca, o Centro Bartolomé de Las Casas e a empresa prestadora do serviço de água para a cidade de Cusco – Seda Cusco, introduziram um mecanismo de compensação por serviços ecossistêmicos, que hoje em dia é um mecanismo de retribuição por serviços ecossistêmicos pela lei 30215. Trata-se de uma modificação no preço que o consumidor urbano



paga no seu boleto por cada metro cúbico de água consumido. Os recursos financeiros, cobrados pelo conceito da alíquota da água vão para um fundo fidúcia, no intuito de conseguir uma compensação pela extração da água, compreendida como serviço ecossistêmico. Hoje em dia é a empresa de água Seda Cusco, que é uma empresa público-privada quem administra esse fundo de compensação com a obrigação de investir os recursos na zona de extração da água, p.ex. em iniciativas de reflorestamento. Diante desta situação, Almícar Escalante tem uma opinião bem clara: *“O comitê de gestão, representando 16 comunidades rurais da micro bacia de Piuray tem que assumir um papel mais ativo na restauração de micro bacia, fazendo muito mais em termos de reflorestamento, estufas e sulcos de infiltração. Temos que sair da zona de conforto e tomar consciência desta tarefa tão importante”*.

No início a alíquota da água surgiu como uma ideia, depois da visita a uma experiência piloto da

compensação por serviços ecossistêmicos pela qualidade e quantidade de água na região de San Martín. Os funcionários de Seda Cusco e o prefeito de Chinchero assumiram o compromisso pelo conceito de compensação ou pagamento por serviços ecossistêmicos, garantindo o abastecimento de água da cidade de Cusco.

Aos poucos nota-se a necessidade de repensar o foco: ao em vez de compensação e pagamento por serviço ecossistêmico prevalece cada vez mais a convicção de sair da lógica de uma transação financeira (eu dou e você me dá) para atingir uma maior reciprocidade em nível territorial, onde a população urbana, incluído o setor do turismo pratique um consumo mais racional da água ao mesmo tempo que o setor público e os governos locais apoiem continuamente as ações de semear água, visando a restauração dos aquíferos e do ecossistema em seu conjunto.

Esse semear água tem a ver com uma grande variedade de medidas: barragens ou *qochas*¹ para recolher e armazenar águas superficiais para infiltração no aquífero, sacadas e sulcos de infiltração, cobertura de capim como o ichu (*Stipa ichu*) para a retenção de águas da chuva, reflorestamento e estufas de árvores nativas tais como a q'euña (*Polylepis sp.*) ou a tallanca (*Baccharis sp.*).

COLHEITA DA ÁGUA

A estação de monitoramento Huquipucio no setor de Pucamarca está localizado faz dois anos no leito de um riacho que durante a época de seca já não tinha fluxo de água. Devido às diversas ações de semear e colher água das comunidades camponesas com o apoio tanto do CBC como do comitê de gestão da microbacia Piuray Ccorimarca há novamente fluxo de água. Há oito meses de seca e ainda tem um fluxo de 0,4 litros por segundo o que significa

¹ NdaT: Qochas são pequenas lagoas construídas em depressões naturais do terreno, sem sua impermeabilização que por meio de um dique permitem armazenar água e permitir sua infiltração no aquífero. É uma prática comum dos povos do altiplano andino.



que há uma leve melhora na recarga do aquífero na zona. A estação de monitoramento documenta estas primeiras melhoras; Wilber Rodriguez, colega de equipe de Juan Victor indica “Graças a recarga do aquífero estamos notando a semeadura de água em outros lugares da microbacia”. Tanto a lagoa como os vários

olhos d'água se alimentam pelo lençol freático e os aquíferos mais profundos. O aumento de fluxo por pequeno que seja evidencia algo promissor: se há uma melhora de fluxo na superfície, a melhora de recarga do aquífero é ainda maior.

A adaptação da gestão da água e as mudanças climáticas tem varias vertentes: uso e consumo o mais racional e efetivo possível, tarefa para a população urbana; depois vem a restauração da cobertura vegetal e medidas para aumentar as possibilidades de recarga do aquífero já que na medida que diminui o volume de chuvas e aumenta a frequência de chuvas torrenciais será necessário aumentar o nível de aproveitamento das chuvas para retê-las no subsolo.



NECESSIDADE DE RECIPROCIDADE

Para as comunidades camponesas, a lagoa Piuray representa um ser, como uma pessoa. Nessa cosmovisão, Piuray é mulher e filha do sol e junto da lagoa de Huaypo são um casal, sendo que ele, um lago maior, representa o homem e têm um filho, a lagoa de Coricocha e Huiracocha é a deidade que as fez. Para muitos moradores das zonas rurais, a escassez de chuvas e diminuição dos níveis de água nas lagoas são sinais que os Apus (montanhas viventes ou espirituais com influência divina para ajudar a proteger as pessoas do lugar) e outras deidades estão chateados com os humanos. Isto significa um peso para muitos moradores, semelhante aos efeitos do efeito estufa. Amílcar assim como Jenny, Secundino, Cosme e Jesus dizem que as comunidades realizam diversos tipos de ritos e oferendas à terra para mudar o ânimo dos Apus para que haja chuvas. Ao mesmo tempo é visível o interesse das pessoas para trabalhar em semear água. Mas

esses esforços, além de precisar de apoio decidido dos governos locais e investimentos públicos permanentes precisam de uma resposta solidaria e reciproca de parte da população urbana já que sem uma mudança de paradigma e de conduta nas cidades, o semear água e sua colheita conseguem vai ser consumido logo.



MENSAGENS PARA O FUTURO

- No lugar de serviços ecossistêmicos e sua compensação, termos da lógica mercantil-capitalista há uma nova compreensão da restauração de ecossistemas e do respeito diante dos ciclos de regeneração.
- Reciprocidade no território que obriga a pensar no bem comum e não em agendas separadas entre o campo e a cidade.
- Justiça da água, onde a população rural e a população urbana pobre tenham o mesmo direito à água como a população rica só é viável com justiça ambiental.

Almanaque do Futuro

O texto foi elaborado, com base nas conversas in situ por Jorge Krekeler, (coordenador do Almanaque de Futuro - facilitador de Misereor a pedido de Agiamondo) em novembro de 2022. Um profundo agradecimento tanto para Almícar Escalante, Jenny Paucar, Segundino Huamán, Cosme e Jesús Quispe, comuneros de Pongobamba, distrito de Chinchero como para Juan Víctos Bejár e Wilber Rodríguez do Centro Bartolomé de las Casas- CBC. Ao Ramiro Llatas de Comundo obrigado pela conexão prévia.

Autores: **Mauricio Gnecco y Jorge Krekeler**
jorge.krekeler@posteo.de

Design: **Ida Peñaranda - Gabriela Avendaño** Fotografias: **Centro Bartolomé de las Casas y Jorge Krekeler**

Tradução: **Isabel Pérez Alves**

Dados de contato a respeito da experiência documentada:

Centro Bartolomé de las Casas - CBC
Juan Víctor Bejár
<https://cbc.org.pe/>
juanvictor.bejar@apu.cbc.org.pe

Amílcar Escalante Quillahuaman
WhatsApp +51 984 868 694

Edição: **Janeiro de 2023**

www.almanaquedelfuturo.com

Com o apoio de:

MISEREOR
• IHR HILFSWERK



CC-BY 4.0, podem aplicar outras licenças a logotipos, imagens individuais e textos (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/21.06.2018>)